

Um campeão em cesarianas

O Brasil é o campeão mundial de cesarianas, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Cerca de 35% dos partos não são naturais, enquanto o índice aceitável pela OMS é de, no máximo, 12%.

“No Brasil, existe uma cultura da cesariana. As próprias mulheres e os médicos fazem essa opção”, afirma Norberto Martinez, da OMS.

No setor público, os médicos preferem a cesariana, que gasta 45 minutos, a esperar pelo parto normal, que demora cerca 12 horas.

Como no caso de Maria Cristina, 16 anos, que teve seu filho no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Nervosa, sentia muitas dores. O médico que a atendeu acabou por deixá-la mais tensa.

Suportar — “Ele disse que fazer era bom mas parir era difícil e que eu tinha que suportar tudo”, conta ela, que não quis revelar o nome do médico.

Segundo ela, essa opção não foi uma questão médica, mas pessoal do obstetra. “Ele avisou que se demorasse muito não ia esperar para fazer o parto normal. Acabei fazendo cesária”, revela a mãe.

“Em algumas situações a cesariana salva vidas, mas a criança que nasce de parto normal é mais ativa e não precisa de cuidados especiais”, assegura o Avelar Barbosa, obstetra do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS).

Os nascidos de cesariana precisam de um período de adaptação e têm que ir para berço aquecido para se acostumarem ao ambiente.

“A criança é como uma fruta, quando amadurece à força é diferente da que amadurece naturalmente”, compara o médico.

Parto — Há nove meses, a funcionária da Justiça Federal Valéria Moreira Camargo teve seu bebê de parto normal, no Hospital Santa Luzia. “Fiquei de cócoras para o nenê nascer. Foi um momento lindo”, lembra ela, que ontem comemorou 29 anos.

“Com anestesia ou *cesária* a gente não sente nada. Eu senti a hora que meu filho ia nascer. Não foi nada forçado, tirado, arrancado. Me realizei plenamente”, emociona-se Valéria quando lembra do nascimento do filho Gabriel.

Avelar assinala que o índice de mortalidade por cesariana é dez vezes maior que no parto normal. Podem ocorrer infecção, aderência, acidente anestésico e problemas psicológicos.